



MARIA BENEDICTA DE BORMANN (DÉLIA) - (1853-1895)

## UMA OUTRA POSSIBILIDADE DE SER/LER MULHER: DÉLIA

---

ANA LICE BRANCHER (UFSC)

---

Há quase um século atrás, mais exatamente a 03 de agosto de 1895, o periódico carioca D. Quixote publicava, sob o título 'Délia', a seguinte notícia: "Faleceu a autora de vários romances de valor...". Assinando-se Y, o autor do artigo comenta o descaso da imprensa para com a escritora e o descaso do país de uma maneira geral para com as pessoas de talento. Conclui acrescentando: "Nós porém temos sempre saudade do alento e aqui deixamos nosso preito de saudade ao talento da escritora".<sup>1</sup>

É sobre esta autora de 'vários romances de valor' que tratarei neste estudo, sendo o meu objetivo principal o de motivar o reconhecimento de seu nome e de sua obra, comentando o romance **Celeste**.

Délia foi a dissimulação encontrada por Maria Benedicta de Bormann,<sup>2</sup> nessas ficções do sujeito que são os pseudônimos.<sup>3</sup> Naturalmente a leitura que fiz de Délia foi a de uma leitora/intérprete vivendo o século XX, já em seu final quando, além da condição histórica da mulher escritora ser totalmente outra, a própria literatura passa por profundas modificações. Por outro lado, valho-me da linguagem de uma outra época (a minha), recorrendo à produção intelectual do saber contemporâneo.<sup>4</sup>

Considerando que tão importante quanto a resposta é a pergunta, indago: o que ler em **Celeste**<sup>5</sup>? Para isso já tenho uma resposta primeira: a leitura do ser mulher, da escritora e sua escritura, da distância existente entre as mulheres que escrevem e o que elas escrevem. Em **Celeste**, além das 'scenas da vida fluminense', temos uma escritora ousando propor idéias, avançadas para seu tempo. Ignez Sabino chama **Celeste** de um livro "... incompreensível, treloucado, aneurasthesico, um livro máu de psicolhogia," embora elogie Maria Benedicta de Bormann em outras obras, considerando-a uma escritora de talento, possuidora da "... nobreza da phrase, a firmesa da penna."<sup>6</sup> Entretanto, ao qualificar **Celeste** com estes adjetivos, Ignez Sabino nada mais faz que refletir o pensamento característico que o século XIX reservava às mulheres escritoras: eram inconseqüentes, incompreensíveis, treloucadas. Escrever era considerado um dom masculino, embora naturalmente muitas mulheres se tenham feito escritoras, transgredindo esta regra e sofrendo (a maioria duramente) as conseqüências de tal ousadia. A mulher só era dado ser culta até o momento em que não atingisse o saber masculino; a partir daí era considerada decaída, treloucada, etc. etc.<sup>7</sup> Por outro lado, mesmo entre as mulheres que logravam atingir o restrito círculo 'do saber', certos temas permaneciam intocáveis ou seriam, naturalmente, desacreditados. É o caso de **Celeste**. Ignez Sabino, apesar de mulher de letras, escritora atuante preocupada com as causas feministas da época, critica pejorativamente o livro. Seria pelos questionamentos que o romance levanta? É possível. Délia faz sua heróina ser 'cultu' desde tenra infância: Celeste estuda em colégio dos seis aos quinze anos; fala inglês, francês e italiano; lê muito, devorando cada romance que lhe caísse às mãos, sofrendo e se alegrando com os heróis e as heroínas:

Por vezes quedava-se em cismas, rememorando os livros que digeria, saboreando os pedaços que a haviam eletrizado, contraíndo assim muito cedo o pernicioso hábito de devanear.(...) Dos 11 anos em diante começou a amar deveras o estudo, colhendo louvores pela aplicação e pelo exemplar comportamento. (p.32)

Celeste, inda menina, lê de Alexandre Dumas a Shakes-peare. Frequenta o teatro pela primeira vez aos oito anos, fazendo inclusive suas leituras daquilo que assistia:

Fora ao teatro por uma graça muito especial, em atenção ao seu aniversário natalício, que, por acaso caíra em um sábado. (...) Representava-se Lúcia [ópera de Gaetano Donizetti, escrita em 1835, cujos heróis são Lucia e Edgardo], ela quis conhecer-lhe o enredo, ouviu-o muito atenta, franzindo o sobrolho e dizendo:

- Mas por que não fugiu a Lucia com o Edgardo, livrando-se do irmão?

- Porque isso seria desairoso em uma fidalga, respondeu Cândida.

Calou-se a pequena pouco convencida, indignada com a passividade da descendente dos Ravenswood e muito compadecida da sorte do infeliz amante. No íntimo da alma, felicitava-se por não ser nobre, podendo assim mais tarde furtar-se a qualquer tirania, sem atender ao desdouro dos brasões. (p.31)

Délia atribui a uma menina de oito anos uma opinião própria a respeito de uma famosa ópera e, mais ainda, a menina critica os compromissos sociais que a aristocracia impunha a seus pares, preferindo Celeste sua condição pequeno burguesa a uma nobreza envolta em tiranias. Vale lembrar que a ação do romance dá-se no Rio de Janeiro, capital do país, num momento de transição política entre a queda do Império e a instauração da República, embora Délia o tenha publicado em 1893, com a República já instalada. É importante considerar, também, os posicionamentos de Maria Benedicta de Bormann com relação às transformações políticas e sociais que o Brasil atravessava. Como outras escritoras de sua época, MBB empenhou-se nas questões abolicionistas, nos direitos da mulher, nas reformas sociais. Em **Lesbia**,<sup>8</sup> por exemplo, Délia critica os títulos de barão que foram concedidos pelo governo brasileiro, na Guerra do Paraguai, a chefes militares que, segundo a autora, eram "... indivíduos que tiravam os pobres negros da enxada das fazendas ou do serviço doméstico, todos marcados pelo azoraguge, pondo-lhes a farda às costas, sem lhes consultarem a vontade e talvez por um requinte de vingança." Enquanto a historiografia oficial brasileira, até hoje, enaltece a

Guerra do Paraguai, Délia, através de seus personagens, criticava peremptoriamente a ação dos militares brasileiros.<sup>9</sup>

Uma das 'ousadias' de Délia pode estar presente na relação de Celeste com a mãe, Cândida. Durante a infância e adolescência, Celeste ama e admira a mãe, sofrendo muito quando o pai a agride. Porém há uma 'segunda mãe', a escrava Bá, ama e amiga de Celeste que é, por sua vez, muito maltratada por Cândida. Celeste não admite estes maus tratos (do pai sobre a mãe e desta sobre a Bá) e sofre a primeira decepção com o amor materno quando Cândida resolve vender a ama:

Achou-a Celeste crudelíssima, refugiou-se no quarto onde desafogou livremente o desgosto... (p.56).

Porém as desavenças entre mãe e filha vão se dar com Celeste adulta. Após um casamento tempestuoso e em razão do ciúme doentio do marido, Celeste decide separar-se e retorna à casa dos pais. Cedendo ao seu 'temperamento ardente', Celeste envolve-se em sucessivos relacionamentos amorosos. Cândida expulsa Celeste da casa. No entanto não o faz pelo comportamento 'desregrado' da filha, mas sim porque esta, bela, culta, atraente, sempre rodeada de admiradores, causa-lhe inveja:

Se a moça pudesse pressentir a tormenta que rugia no seio de Cândida, aterrar-se-ia e talvez se premunisse contra qualquer eventualidade futura. Mas como podia a alma franca e luminosa de Celeste abrigar a suspeita de que sua mãe invejava o seu triste fadário de mulher-prazer! (p.113)

Cândida renega Celeste, Délia questiona a autenticidade do amor materno:

- E eu, que julgava a maternidade grande e misericordiosa como a bondade divina! exclamava [Celeste] em um assomo de desespero, é de pena prossequindo no seu incessante caminhar. Seria [Cândida] mais humana se a tivesse abandonado logo ao nascer, como tantas outras o fazem, porém, mais refinadamente perversa,

criou-a, cercou-a de amor e conforto, formou-lhe a alma e o espírito, viu-a crescer em graças, acompanhando-lhe os pesares e as lutas de mulher já feita, e no fim de 29 anos de convivência, teve então a inaudita barbaridade de a repudiar! (pp.126/127)

Estando Cândida às portas da morte, não quer ver a filha, lamentando apenas não tê-la castigado mais cedo, consolando-se por ter-lhe preparado uma vingança final com relação à herança e, mesmo nesta hora definitiva, sente inveja de Celeste. Esta, ao ser notificada, pelo primo, da morte da mãe, emociona-se porém reage calmamente:

- E o que querem agora? ... Talvez as minhas lágrimas e o espetáculo de minha presença! Não o terão, Lauro!... Falou em minha mãe... Mas se eu nunca tive mãe!... Acaso no seu entender, consiste a maternidade na faculdade de procriar!... Talvez, eu, pelo menos, tive disso bem triste prova! (p.141)

Assim, Celeste questiona o amor materno enquanto ato de procriar. Para ela, quem a amou maternalmente foi a escrava, negra, e não sua 'mãe de carne', Cândida. Temos aí que o amor maternal não é necessariamente 'biológico' e sim cultural, visão da qual compartilham inúmeros estudiosos contemporâneos que trabalham o tema.<sup>10</sup> Elisabeth Badinter, estudando historicamente as relações entre mãe, pai e filhos, na França, demonstrou as alterações que ocorrem na figura da mãe nos três últimos séculos. Enquanto no século XVIII a mãe era 'independente' do filho, resumindo-se a maternidade à procriação, os séculos XIX e XX valorizam a mãe extremosa parindo e cuidando atentamente muitos filhos, enaltecem o amor materno como um sentimento natural e social. Isto porque, em fins do século XVIII e transcorrer do século XIX, ocorrem profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da cultura ocidental. Até então, para citar um exemplo, a mortalidade infantil era muito grande, a infância era negligenciada e enfatizava-se a autoridade paterna. Com o avanço dos valores capitalistas, interessa ao Estado a quantidade de súditos e a riqueza de uma nação relaciona-se ao número de seus habitantes. É necessário, portanto, que a criança sobre-

viva, saudável e educada. E aí entra a mulher, naturalmente. Nem tão naturalmente assim, porque, segundo Badinter, "Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadí-las a retornar a melhores sentimentos e a 'dar novamente o seio'. (...) Responsável pela casa, por seus bens e suas almas, a mãe é sagrada, a 'rainha do lar'." <sup>11</sup>

À mulher coube também a responsabilidade pela educação dos filhos. No Brasil do século XIX, a tônica do discurso feminista era a educação e esta preocupação não era gratuita. Vejamos um pensamento da época, nas palavras de Delminda Silveira: "O espírito da criança traz em si o germen do bem e do mal; cumpre ao guia, ao educador de sua infância desenvolver-lhe as virtudes, prevenindo-o contra os vícios: ora, quem é esse educador, esse guia, esse protector desde o primeiro momento? A mãe — mentor natural conferido por Deus. Sempre ella em primeiro lugar; a ella somente cumpre formar aquella alma confiada por Deus aos seus desvelos (...)." <sup>12</sup> Algumas mulheres seguiram à risca o modelo de mulher-mãe proposto pelo ideário da época; outras, porém, perceberam de forma mais acurada a questão. Vejamos um outro pensamento da época, ainda com relação à educação. A opinião é de V.M. de Barros: "A injustiça começa no berço: para o menino, mestres, collegios, gymnastica; para a menina, a ignorancia, o atrophiamiento da energia, a immobilidade forçada pela vida sedentária. Depois, chegados á puberdade, elle, o rapaz, escolhe esta ou aquella carreira a seguir, prefere este ou aquele meio de vida; a rapariga, ella, nada tem a resolver: o circulo de ferro, a cadeia fatal ahí está... É preciso que trabalhemos para que nossas irmãs possam partilhar também dessa liberdade relativa que é o patrimonio de todo individuo, de toda creatura que pensa e sente. Ellas, como nós, tem o seu tempo e as suas idéias. É tempo de confraternizarmos!" <sup>13</sup> Evidentemente são interpretações bem distintas do papel de educadora que coube à mulher. Parece-me que MBB insere-se nesta segunda linha de pensamento: pelo menos é o que dizem suas personagens...

Ao mesmo tempo que aceita, orgulhosa e convicta, o rechaçamento da mãe e da sociedade, Celeste despe a moral virtuosa das senhoras de sociedade da época. Enquanto mães e filhas consideravam-na uma perdida, Celeste via-se íntegra em suas atitudes, não ocultando nem desculpando seus atos, coisa que a maioria das senhoras virtuosas fazia, inclusive sua própria mãe. Talvez por isto, por este desmascaramento da hipócrita moral burguesa da época, pelo questionamento da autenticidade do amor materno num momento em que justamente o ideal de mulher era o de mãe educadora, é que Ignez Sabino tenha considerado Celeste um livro tresloucado. Há que lembrar que é somente a partir dos movimentos feministas das décadas de 60/70 do século XX que a maternidade será questionada.

Em *Lésbia*, entre muitas outras interpretações, poderíamos tentar ler a busca/inexistência do autor. Se não, vejamos: Maria Benedicta de Bormann, sob o pseudônimo de Délia, publica um livro onde a personagem principal, Arabella, faz-se escritora, publicando sob pseudônimo de Lésbia (que dá nome ao romance do MBB), vários poemas e romances, um deles chamado *Blandina*, onde trata de "...uma engenhosa mãe solteira, que por seus ardis consegue ficar com o filho sem ter despertado a desconfiança pública".<sup>14</sup> O romance *Blandina*, publicado como folhetim em pé de página de jornal, causa alvoroço entre a sociedade da época (no romance). As mulheres atacam *Lésbia* (e portanto Arabella) por sua publicação, assim como a publicação de *Lésbia* causou alvoroço entre a sociedade carioca e entre os críticos literários da época, que atacam Délia (e portanto MBB). Araripe Junior considera *Lésbia* como sendo "... o retrato vulgar de uma mulher tola e orgulhosa que se mete a gesticular uma natureza superior. Tudo isto ressalta da profissão de fê traduzida em mais de uma página do romance, aonde, contra todas as regras do bom gosto, encontro uma defesa pueril da mulher de letras contra pretendidas agressões de poetrastos e labregos da imprensa."<sup>15</sup>

Enquanto alguns autores consideram *Lésbia* autobiográfico, poderíamos ainda deduzir como uma possibilidade



de Maria Benedicta de Bormann desobrigar-se da autoria do livro, já que, geralmente quando se trata de escritoras costuma-se confundir a pessoa com a obra. É Siegrid Weigel feminista alemã, quem nos diz: "A resistência das mulheres em exhibir-se no mercado literário é resultado de sua experiência na esfera privada. (...) A publicação da subjetividade de uma mulher não equivale, sem dúvida, a sua liberação por ter conseqüências (a miúdo desagradáveis) para sua própria felicidade. Pelo que se refere às mulheres, e não se faz nenhuma distinção entre o escritor e a pessoa."<sup>16</sup> Com efeito, no caso de Maria Benedicta Bormann, vários atributos seus são aplicados, pelos críticos, a seus personagens, comparando-se mesmo sua vida a um romance. Outra incursão perigosa é filiar a obra de MBB à corrente naturalista, pelo fato de a autora descrever, com extrema minúcia, o temperamento de seus personagens, com muitos detalhes do comportamento psicológico destes. Particularmente, prefiro não incluir a obra de MBB em 'escola' nenhuma, e o faço com base em duas argumentações: 1ª) a raridade bibliográfica que se constitui sua obra obstaculiza um conhecimento suficiente do conteúdo da mesma para que se possa proceder a uma avaliação consistente e cotejo com as opiniões dos críticos; 2ª) de que maneira poderemos proceder a um estudo 'eficaz' de uma obra (isoladamente ou comparativamente a outras obras, dentro da literatura de um país ou de outros países) sem cairmos em aproximações vagas, generalizações apressadas, ou pontos comuns mais ou menos forçados?

Délia já foi apontada como uma espécie de 'Zola de saias'. Outros críticos disseram que Délia, com o temperamento ardente característico das mulheres brasileiras, deveria ter apresentado um naturalismo picante, tropical. Outros ainda a apontam como tendo absorvido o naturalismo de Zola, observando o fato de Délia utilizar constantemente a palavra 'nevrose', considerada palavra-chave do 'representante do naturalismo francês'. Neide Faria, analisando as variantes que o naturalismo francês assumiu no Brasil, considera que: "(...) De fato, a leitura de tais textos, incluídos pela tradição literária no rol das obras

naturalistas, não revela nenhum princípio estilístico único, nenhuma temática comum, nenhuma técnica narrativa específica e nem mesmo qualquer critério estético que as unifique, embora nelas apareça, num ponto ou noutro, algum vestígio, algum 'tíque' de Zola; (...) Assim, diante de certas 'coincidências' entre textos contemporâneos ou não, próximos ou não no tempo e no espaço; diante de certas diferenças flagrantes entre teoria e prática literária dentro da obra de um mesmo autor, ou no interior de uma corrente literária, num país ou em diferentes países, é preciso que se esteja sempre atento no manuseio de certas noções tradicionais como a seqüência de 'ismos' e de outros rótulos como 'escola', 'período', 'filiação', 'plágio', 'fonte', 'influência'.<sup>17</sup>

A obra de Délia, intensa, inteligente, instigante, pode até apresentar reminiscências naturalistas, mas fundamentalmente tem a ousadia de quebrar o estabelecido, mostrar o novo, propor a outra. Uma outra possibilidade de mulher, independente e criativa.

## Notas

<sup>1</sup> Conforme Norma Telles, seu **"ENCANTAÇÕES - escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX"**, PUC-SP, 1987, mimeo., p.368. No entanto, Ignez Sabino, em **Mulheres Illustres do Brasil**, H. Garnier Livreiro-Editor, RJ, 1899, dá a data do falecimento de Délia como sendo a 15 de maio de 1896, informando que: "... o 'Paiz' noticiou ligeiramente o traspasso de sua antiga colega; a Gazeta disse a respeito meia dúzia de palavras, e só." (p.191).

<sup>2</sup> Maria Benedicta Camara de Bormann, nasceu em Porto Alegre a 25 de novembro de 1853 e morreu no Rio de Janeiro em 03 de agosto de 1895 ou 15 de maio de 1896. Embora tenha manifestado inclinação literária desde cedo, começando a escrever aos 14 anos, é ao fixar residência no Rio de Janeiro que sua obra amadurece. Assinando-se Délia, colaborou para vários jornais: 'O Sorriso', 'O Cruzeiro', 'Gazeta da Tarde', 'A Notícia', 'O Paiz'. Publicou romances e contos. Seus títulos mais destacadas pelo público e por críticos são: **Aurélia** (romance, RJ, 1883); **Uma vítima, Duas irmãs, Magdalena** (romances, RJ, 1884, publicados em um único volume); **Lésbia** (romance, RJ, 1890); **A estátua de neve** (romance, RJ, 1890); **Celeste** (romance, RJ, 1893). Atualmente há certa dificuldade em encontrar-se seus li-

vros, considerados raridades bibliográficas, e muito pouco se sabe sobre sua vida.

3 A expressão é de Raúl Antelo em "Cuidado de si e anacronismos da imaginação" in 3º Seminário Nacional - Mulher e Literatura, caderno 1, p.25, UFSC, Florianópolis, 1989.

4 A expressão é de Jean Starobinski em "A literatura: o texto e seu intérprete" in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História, Novas Abordagens, trad. de Henrique Mesquita, Francisco Alves Editora, RJ, 1988.

5 Celeste foi publicado pela primeira vez em 1893, por Magalhães & Ed. RJ, com uma tiragem de 1.000 exemplares. O livro teve muito sucesso entre o público o que provocou nova edição em 1894, desta vez em forma de folhetim no jornal "A Gazeta", do RJ. A segunda edição de Celeste em livro, foi em 1988, pela Editora Presença/INL. Esta foi a edição por mim consultada.

6 Op. cit., p.196/197.

7 Os exemplos, na cultura ocidental, da mulher estigmatizada por ousar criar, e que mesmo assim o faz, são muitos. Em todas as áreas da criação artística a mulher era admitida como musa inspiradora, raramente como criadora. Norma Telles (op. cit., p.71) nos diz: "Em 1886, em carta a um amigo, Gerald Hopkins articulou uma idéia nuclear à estética do século quando afirmou que a execução magistral que é a qualidade central do artista, é um dom masculino e o que diferencia um homem de uma mulher é o poder gerar pensamentos próprios e colocá-los no papel. A sexualidade masculina por esta colocação é análoga e realmente a essência do poder criador. A pena torna-se um pênis metafórico. E esta idéia não era nova na estética ocidental. (...)". No entanto são também inúmeros os exemplos em que a mulher se igualava/superava o homem na arte (não que a mulher objetivasse simplesmente se igualar/superar o homem, mas ao deixar aflorar sua criatividade, o resultado era muitas vezes genial). Um nome: Camille Claudel.

8 *Lésbia*, RJ, Garnier, 1890. Há um exemplar na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

9 É importante ressaltar, aqui, que Maria Benedicta de Bormann foi casada com o Doutor José Bernardino de Bormann, seu tio, também escritor e que era militar. José B. de Bormann foi herói da Guerra do Paraguai, atingiu o posto de Marechal, foi Ministro da Guerra e do Supremo Tribunal Militar. É de se supor as dificuldades encontradas por MBB ao criticar o trabalho no qual o próprio marido é enaltecido.

10 São vários os estudos, na área de medicina, da sociologia, da antropologia, da história, que tratam do amor materno/maternidade. Poderia citar Elizabeth Badinter (*Um amor conquistado*. O mito do amor materno, trad. de Waltensir Dutra, RJ, Nova Fronteira, 1985); Philippe Ariès

(*História social da criança e da família*, trad. de Dora Flaksman, RJ, Zahar, 1978).

- 11 Cf. Elizabeth Badinter, *Op. cit.*, p.222.
- 12 Delminda Silveira (1855-1932) escritora e poeta catarinense, contribuiu regularmente com a revista "A Mensageira", *Revista Literária dedicada à mulher brasileira*, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida publicada em São Paulo, de 1897 a 1900. O trecho citado foi publicado no exemplar nº 11, de 15 de março de 1898, sob título "OBSERVAÇÕES sobre a educação em geral" (infância). A Secretaria de Estado da Cultura, de SP, publicou, em 1987, edição fac-similar da revista, em dois volumes.
- 13 Também publicado na revista "A Mensageira", sob título "A emancipação feminina", no exemplar nº 10, de 28 de fevereiro de 1898.
- 14 Cf. Norma Telles, *Op. cit.*, p.386.
- 15 *Idem*, *ibidem*, p.370. Araripe Junior efetivamente não aprecia, e não vê, os talentos de escritora de MBB; em "Movimento literário do ano de 1893" (in *Obra Crítica de Araripe Junior*, volume III, 1895-1900, prefaciado por Thiers Martins Moreira, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura/Casa Rui Barbosa, RJ, 1963), o crítico refere-se da seguinte maneira: "Outro tanto não posso dizer da romancista Délia, que parece ter qualidades inteiramente negativas para o gênero que pretende cultivar. Celeste ressenha-se dos mesmos defeitos notados nos livros anteriormente dados à estampa por aquela gentil escritora. (...) Por mais, porém, que se esforce, a sua eloquência não chega a dar-nos senão a impressão de uma eretomaníaca, mal dissimulada, de uma moça doida, uma avoadá como se diz vulgarmente, mal ensaiada e ainda pior descrita. Reminiscência de alguma página de George Sand, truncada." (pp.171/172). Naturalmente o crítico só lê aquilo que lhe interessa ler, ou pelo menos o que o ideal da época lhe apresenta...
- 16 WEIGEL, Sigrid. "La mirada bizca: sobre la história de la escritura de las mujeres" in ACKER, Gisela et alii *Estética feminista*, Barcelona, Icaria Editorial, 1986.
- 17 FARIA, Neide. "O naturalismo e o(s) naturalismo(s) no Brasil" In *Travessia* nº 16/17/18, p.124-147, UFSC, Florianópolis, 1988/1989.

**Bibliografia sobre Maria Benedicta de Bormann - Délia**

- SABINO, Igenes. **Mulheres Ilustres**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.
- BLAKE, A.V.A. Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Sexto volume, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, edição fac-simile, Conselho Federal de Cultura, 1970.
- Melo, Luis Correia de. **Subsídios para um Dicionário dos Intelectuais Riograndenses**, 1944.
- ARARIPE JUNIOR. **Obra crítica de Araripe Junior** prefácio Thiers Martins Moreira, volume III, MEC/Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1963.
- GUILHERMINO CESAR. **História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. 2.ed. P. Alegre: Globo, 1971.
- MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos: 1978.
- MOTT, Maria Lucia (org.). Conselho Estadual da Condição Feminina - **Calendário** - 1985.
- EGERT, Nanci. **Introdução a Celeste**. 2.ed. Rio de Janeiro: INL/Presença, 1988.
- TELLES, Norma. **ENCANTAÇÕES - escritoras e imaginação literária no Brasil, séc. XIX**. PUC-SP, 1987. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. "Délia". in **39 Seminário Nacional - Mulher e Literatura**. Cadernos, v.1, Florianópolis: UFSC, 1989. p.108-112.

